

*A LADY'S VISIT TO MANILLA AND JAPANERRO! MARCADOR NÃO
DEFINIDO.*
GÉNERO, VIAGEM E REPRESENTAÇÕES INTERCULTURAIIS

Clara SARMENTO¹

RESUMO

Numa primeira abordagem a *A Lady's Visit to Manilla and Japan* (1863), de Anna D'Almeida, os leitores não deverão esperar a narrativa de uma experiência que poderia ter sido produzida por um desses “*Etonnants voyageurs! Quelles nobles histoires / Nous lisons dans vos yeux profonds comme les mers!*”, citando o último poema de *Les Fleurs du Mal* de Baudelaire. Nem tão pouco deverão esperar o relato superficial de uma turista indolente sobre a diversão convencional ou o previsível choque moral experimentados durante as várias etapas do seu *grand tour*, e que são característicos deste tipo de literatura, particularmente popular no campo emergente do turismo do final do século XIX. Este artigo defende uma leitura plural, conciliando noções aparentemente divergentes. Analisa a escrita feminina ocidental no contexto dos encontros culturais, mais precisamente, as peculiares imagens que uma viajante ocidental do século XIX cria a partir da sua breve exposição a vários espaços e práticas da Ásia.

A família D'Almeida viajou pelo Extremo Oriente entre Março e Julho de 1862. O título *A Lady's Visit to Manilla and Japan* induz em erro, pois a narrativa começa em Singapura e termina em Hong Kong, mas a família visitou também Macau, Xangai, Nagasaki, Yokohama, Xiamen (Hokkien) e Cantão, entre outros lugares, atestando assim o profundo desejo dos D'Almeida de explorar *in loco* todas as potencialidades dos países visitados.

Neste estudo de *A Lady's Visit to Manilla and Japan*, tenciono demonstrar as complexidades que existem dentro de / entre as histórias, experiências e actividades interculturais de mulheres, e como estas alargam o âmbito do estudo dos sistemas sociais e culturais. Ao examinar as diferenças e semelhanças de género, podemos elaborar construções teóricas que analisam as variações entre mulheres; como elas são influenciadas pela classe, raça, etnia e religião; e como estas moldam a forma como entendemos a posição da mulher na cultura e na sociedade. O preconceito de classe da elite ocidental considera a mulher não-ocidental como sendo ‘a outra’, alguém que representa aquilo que o escritor ocasional não é. A questão da representação feminina das suas congéneres como ‘mulheres-outras’, com base numa ampla variedade de diferenças, é definitivamente um desafio para os estudos interculturais e de género.

¹ Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Instituto Politécnico do Porto, Centro de Estudos Interculturais. Endereço para correspondência: ISCAP – Gab. 333, Rua Jaime Lopes Amorim, 4465-004 S. Mamede Infesta, Portugal. E-mail: clara.sarmiento@iol.pt

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^o João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 63 – Sessão de comunicações livres (área literatura/cultura).

PALAVRAS-CHAVE:

Século XIX; Género; Viagem; Ásia; Império.

Introdução: Viagem e Biografia.

A família D’Almeida – Anna, seu marido William Barrington D’Almeida e a filha Rose, de um ano – viajou pelo Extremo Oriente entre Março e Julho de 1862. O título *A Lady's Visit to Manilla and Japan* induz em erro, pois a autora – Anna D’Almeida (ou Anna D’A.) – visitou muito mais do que apenas Manila e o Japão. A narrativa começa em Singapura e termina em Hong Kong, mas a família visitou também Macau, Xangai, Nagasaki, Yokohama, Xiamen (Hokkien) e Cantão, entre outros lugares, atestando assim o profundo desejo dos D’Almeida de explorar *in loco* todas as potencialidades dos países visitados. Nas Filipinas, viajam de Manila até à Laguna de Bay, que atravessam em canoas nativas, parando nas aldeias de São Pedro de Binhan, Calamba, Santa Rosa, Pueplo e Cabujão. À medida que viajam para sul de Manila, também visitam o lago e o vulcão de Taal, e as montanhas de Maculot e Sungal. Fazem frequentes excursões de pesca em Macau; viajam de Hong Kong para Xangai no *S.S. Peking*, pelo estreito de Taiwan e o Mar da China Oriental, até à foz do Yangtze. Uma vez no Japão, Anna descreve um passeio por Kanazawa e Kamakura, perto da Baía de Sagami. Em seguida, a família toma um navio de Nagasaki para Yokohama, ao longo do Suonada ou mar interior, passam o Estreito de Shimonoseki, fazendo paragens ilha após ilha até chegarem ao Pacífico, a caminho da Baía de Edo, onde avistam o Fujiyama e, por fim, chegam a Yokohama. Para sua grande decepção, os D’Almeida são impedidos de visitar a vizinha capital Edo (Tokio), devido à súbita doença do seu anfitrião local, o ministro britânico.

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^o João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^o do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 63 – Sessão de comunicações livres (área literatura/cultura).

Concentrar-me-ei aqui na análise do texto de *A Lady's Visit* e não na recepção que o livro teve aquando da sua publicação, em 1863. Tal como a maioria das narrativas de viagens, *A Lady's Visit* de Anna D'Almeida procura documentar a experiência da autora durante um breve período de tempo, em vez de proceder a uma descrição científica da etnologia ou da história dos países visitados, tal como ela afirma no Prefácio ao livro. As descrições de viagens a países remotos não eram naturalmente destinadas a uma leitura científica, eram antes relatos de experiências pessoais e deviam ser interpretadas como tal. Anna escreve sobre os sítios que visitou e as pessoas que conheceu durante as suas excursões, reflectindo assim a natureza externa dos contactos interculturais estabelecidos. A sua falta de conhecimento das línguas locais dificultou bastante a aquisição de informação credível sobre as diferentes sociedades e culturas, forçando-a a retirar conclusões daquilo que ouvia, lia ou via.

Quem foi Anna D'Almeida, a viajante que publicou o seu trabalho sob o pseudónimo de Anna D'A., nunca mencionando o seu nome completo uma única vez ao longo das 297 páginas da narrativa? Tal como muitos visitantes ocidentais na Ásia – especialmente mulheres – os autores de livros de viagens ficaram na história como tendo publicado apenas um trabalho e é muito difícil encontrar informações biográficas sobre eles. Como alguns escritores usavam apenas a inicial do seu primeiro nome, até mesmo determinar o sexo destes autores semi-anónimos se torna, por vezes, difícil. No caso das mulheres viajantes, pouco ou nada se conhece das suas vidas; tudo o que resta é a própria literatura.

Apenas a pesquisa geneológica realizada em diversas bases de dados anglo-americanas permitiu revelar a identidade de Anna Harriette Pennington (D'Almeida). Nasceu em 1836, em Whitehaven, Cumberland, Inglaterra, filha de Rowland e

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^o João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^o do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 63 – Sessão de comunicações livres (área literatura/cultura).

Georgiana (Welles) Pennington, respectivamente um rico oficial da carreira militar e uma descendente de uma longa linhagem de aristocracia terratenente de Lincolnshire. William Barrington D’Almeida, advogado, nasceu em 1841, em Singapura, um dos três filhos de Joaquim e Rosa Maria (Barrington) D’Almeida. O seu avô, um fidalgo português de Viseu, Portugal, viajara para o Extremo Oriente, primeiro para Macau e depois para Singapura. William era cidadão britânico, nacionalidade adquirida pelo seu nascimento em Singapura. Anna e William casaram em Abril de 1860, em Henley, Oxfordshire. A sua primeira filha, Rose, que os acompanhou na viagem pelo Extremo Oriente, nasceu em 1861, em Paris. Apesar do apelido adoptado pelo casamento, a fervorosa protestante Anna ignorava o português e nutria uma óbvia antipatia por todas as práticas relacionadas com o catolicismo. Anna faleceu a 12 de Maio de 1866, com apenas 30 anos, em Kingston-upon-Thames, Surrey, poucos meses após o nascimento do seu terceiro filho. Embora no registo da morte de Anna conste a idade de 25 anos, o que indicaria 1841 como sendo o ano do seu nascimento, é muito provável que ela tenha mentido sobre a sua verdadeira idade, de maneira a não revelar que era de facto mais velha do que o marido, algo frequente na era vitoriana.

Género e Narrativas de Viagem.

A *Lady’s Visit* abre com uma dedicatória auto-depreciativa, devidamente dirigida (i.e. aprovada por) ao marido de Anna: “To thee, who hast aided me in my toils, and so kindly smoothed every difficult path and rugged step, is dedicated this little work by thy loving and faithful wife, Anna”. Na mesma linha, o Prefácio chama a atenção para a simplicidade do seu propósito ao escrever esta narrativa, quando enfatiza que o livro é apenas um mero divertimento. Promete “sketches” e “amusing anecdotes” sobre “the

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^o João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^o do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 63 – Sessão de comunicações livres (área literatura/cultura).

peculiar race inhabiting these distant islands”. Prevalece o critério racial, assim como o preconceito que leva Anna a ver ‘o outro’ como uma “amusing anecdote”. Anna afirma evitar todas as alusões relativas a questões políticas, “not having sufficient confidence in the correctness of my own judgement to justify me in assuming the office of a public instructor”. Do mesmo modo, o súbito epílogo em Hong Kong – “And now, gentle readers, my work is done. Trusting that it has at least succeeded in whiling away a portion of your time, if it has proved a means neither of instruction nor of information” (297) – está de acordo com a convenção de que uma mulher (especialmente uma ‘senhora’) nunca instrui o público, apenas entretém um círculo restrito, que aceitou tacitamente as suas limitações. No entanto, e como veremos, a declaração de intenções de Anna entra em evidente contradição com o conteúdo geral do livro. Na realidade, o Prefácio, é um pró-forma, um *captatio benevolentiae* comumente considerado aceitável para uma mulher escritora, concebido para acompanhar a “fiel” dedicatória ao marido, que torna o livro apropriado e adequado a uma honrada “senhora”. Como que a comprová-lo, a imagem central do frontispício estabelece um contraste com a *Lady* do título: retrata “A Japanese ‘Tea-House’ Girl” (nem mulher, nem senhora), em que as aspas são usadas para evitar a chocante palavra “bordel”.

A proliferação de narrativas de viagem britânicas na época vitoriana prova que o turismo providenciou um espaço onde até mesmo os não-autores não hesitaram em escrever os seus diários de viagem. Títulos comuns na época como *Glimpses*, *Sketches*, *Impressions*, *Notes*, *Diaries*, *Wanderings* e *Travels* sugerem um tom informal que, no caso das mulheres autoras, podia servir também como defesa contra as comparações com os grandes escritores masculinos. Subjacente a este facto, existe o eterno conflito entre a viagem de lazer (onde a escrita de uma mulher seria considerada fútil e

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^o João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^o do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 63 – Sessão de comunicações livres (área literatura/cultura).

insignificante) e o desejo de partilhar experiências, factos e de instruir o leitor (onde a escrita de uma mulher seria considerada demasiado séria e intelectualmente pouco feminina). Uma forma de a mulher-autora resolver este conflito era antecipar-se a qualquer crítica possível, adoptando uma postura apaziguadora e humilde. Embora não estivessem limitadas às narrativas de viagem, e apesar dos progressos na emancipação social, as mulheres viajantes vitorianas assumiram de tal forma uma atitude autodepreciativa, que esta quase se tornou na regra para a escrita feminina.

A transição do *grand tour* para o turismo moderno introduziu um novo tipo de visitante, a mulher vitoriana de classe média e alta, que viajava não só com a família, mas também – e muitas vezes – sozinha ou acompanhada de uma amiga. O turismo podia ser libertador para a mulher em muitos aspectos, pois dava-lhe a oportunidade de escapar às tarefas domésticas do dia-a-dia e de atravessar as fronteiras tradicionais. Embora a sua contribuição não tenha sido reconhecida até muito recentemente, muitas mulheres escreveram relatos das suas viagens pelo Extremo Oriente, obras que circularam e foram lidas aquando da sua publicação, mas que raramente foram reimpressas. Nos seus relatos, descrevem-se a si mesmas como viajantes intrépidas, ocasionalmente como líderes, enfatizando os seus feitos e os perigos que correram.

Com efeito, Anna retrata-se vezes sem conta como sendo uma viajante experiente, orgulhosa de ser “bom marinheiro” (5), capaz de comparar os barcos orientais com os seus congéneres europeus, enquanto tece comentários técnicos sobre os diferentes tipos de embarcações nativas que observa. Para relevar os riscos que enfrentou, Anna descreve o ataque rebelde presenciado em Xangai (134), a doença de que ela e o marido padeceram na viagem para Hong Kong (99) e Nagasaki (181) e o tufão mortífero em Macau e Hong Kong, apenas para enumerar algumas das suas aventuras mais ou menos

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^o João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^o do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 63 – Sessão de comunicações livres (área literatura/cultura).

fantasiadas. Devemos, contudo, ter em atenção que, muito embora as condições de viagem fossem em larga medida determinadas mais pelas convenções de hospitalidade numa determinada região do que pelos padrões e expectativas dos viajantes, os D’Almeida eram viajantes privilegiados. Gozaram da hospitalidade do Barão de C. na sua mansão em Macau; do Cônsul Britânico em Nagasaki e de um influente mercador português em Hong Kong; compraram também vastas quantidades de fina porcelana na China e no Japão. Na realidade, ao considerarmos qualquer narrativa de viagens feminina do século XIX, verificamos que se refere invariavelmente às classes mais altas da sociedade vitoriana, pois as senhoras vitorianas que viajavam eram necessariamente senhoras de posses, a maioria ligada – através do matrimónio – ao mundo da política e dos negócios.

Basta ler os primeiros capítulos desta peculiar *Lady's Visit* para concluir que as descrições de Anna são de facto bastante mais precisas e documentadas – apesar de muito “I heard say” e de fontes não referenciadas – do que ela prometera no Prefácio. Para além disso, o relato de Anna revela um leque bastante alargado de interesses. Por exemplo, a descrição detalhada de Manila contém muitos inúmeros factos objectivos e quantitativos, montantes de dinheiro, e pormenores históricos, administrativos e lendários. Anna mostra um interesse considerável pelos processos e técnicas de manufactura de charutos e açúcar, e pela economia e indústria em geral. Previsivelmente, enquanto agente da ‘civilização britânica’ e representante orgulhosa da pátria da revolução industrial, Anna compara e louva as vantagens dos métodos industriais europeus. Uma vez mais, ao contrário do que prometera no Prefácio, esta ‘senhora-autora’ também exprime fortes opiniões sobre política, governação, religião e justiça social nas Filipinas (governada pela Espanha católica) e critica severamente a

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^o João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^o do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 63 – Sessão de comunicações livres (área literatura/cultura).

estagnação da administração portuguesa de Macau, quando comparada com a administração britânica de Hong Kong (109). Protegida por uma dedicatória apropriada, um prefácio modesto, um respeitável estado civil e pela permanente presença do marido, Anna não receia utilizar a escrita para revelar as suas opiniões sobre assuntos tradicionalmente reservado aos homens.

Viajantes e Turistas.

Apesar da falta de contextualização tanto da viagem como da narrativa, as múltiplas descrições detalhadas e comparativas indiciam que Anna viajara, não apenas pela Europa e pelo Mediterrâneo, mas também pela Índia e pela Ásia. Ao descrever os palanquins, ruas e lojas, ela compara facilmente Hong Kong com Calcutá e Malta. No seu relato da “agradável excursão familiar” ao “Pico” em Hong Kong, Anna compara esta expedição, com alguma ironia, aos destinos da moda na Europa, nomeadamente “the mountains of Switzerland or Savoy, the Montanvert in Chamouni [Chamonix], the Mer de Glace, or the Pyramid in Egypt” (9). Apesar da renitência de Anna em fornecer detalhes biográficos, ela não hesita em revelar que já desceu à cratera de um vulcão em Java (84) e visitou os Alpes e os Pirinéus (231), concluindo que a Ásia é muito superior à Europa em beleza natural e paisagens. Para além disso, Anna parece muito habituada e compreensiva em relação a práticas culturais diferentes das suas. Em diversas ocasiões, Anna descreve os vestidos e acessórios femininos, louvando as diferenças e a adaptação nativa às condições do clima local. Contudo, a sua tolerância tem limites, quando – previsivelmente – considera a nudez um sinal de selvajaria, como nos seus comentários sobre os índios Igorroté, ou o seu horror aquando do episódio dos banhos de vapor em Nagasaki, onde inesperadamente presencia “men and women bathing in *puris*

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^o João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^o do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 63 – Sessão de comunicações livres (área literatura/cultura).

naturalibus” (209). Contudo, e contrariamente ao que poderíamos concluir de uma abordagem tendenciosa a um livro intitulado *A Lady’s Visit*, as roupas femininas e as questões de moralidade não são de todo o foco principal da atenção de Anna.

Na maior parte dos discursos do turista e da viagem do século XIX, há uma ênfase especial em ver e coleccionar vistas. A experiência da beleza, captada através do sentido da visão, foi valorizada pelo seu significado espiritual para o turista culto. Na sua transformação estética, a observação de paisagens tornou-se uma actividade de busca pelo sublime em paisagens exóticas. Ao chegar ao porto de Nagasaki, Anna admira a ilha de Nasuzima, coberta de árvores com folhagens brilhantes e variadas, e observa que as velas dos pequenos barcos eram “muito singulares e algo pitorescas” (184-5). Apesar disso, a beleza da paisagem é rapidamente arruinada pela “repugnante” (“disgusting”) visão da pele dos marinheiros (embora “almost as fair of that of the Europeans”), “lending no additional charm to the surrounding scene, but rather forming an eyesore one would gladly dispense with” (185). Podemos concluir que o nativo é um elemento dispensável da paisagem, que só deveria existir para o deleite do visitante europeu. Esta visão “terrível” contrasta com o “picturesque tableau” (236) dos nativos (decentemente vestidos?), tratando ordeiramente dos seus afazeres quotidianos, na região de Kanazawa, com a beleza natural como pano de fundo.

Em última análise, esta percepção e apreciação da paisagem tende a ser reforçada por uma agenda que tem tanto de ética como de estética. Esta versão particular da própria materialidade da paisagem, que é expressa pelo visitante ocidental de elite, nunca está livre de juízos de valor. Vem sempre acompanhada por suposições e implicações, geradas por padrões culturais, relações de género, preconceitos sociais e raciais, entre

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^o João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 63 – Sessão de comunicações livres (área literatura/cultura).

outros, embora, no caso de Anna, as diferenças na percepção pareçam ser minimamente baseadas no género, uma vez que os papéis sexuais são menos evidentes entre os membros da alta sociedade cosmopolita. O estatuto artificial ou arbitrário magnanimamente atribuído aos objectos e imagens privilegiados, marginaliza tudo aquilo que não está de acordo com os referidos padrões. O processo de ‘civilização’, através do qual os turistas ocidentais tentam dominar um país misterioso, torna-se numa estrutura de convenções artificiais e padrões de referência, ao contemplar o território desconhecido como sendo (ou devendo ser) uma paisagem catalogada. Como consequência, estes turistas consideram-se um grupo de elite, isolado e independente do mundo natural, cuja contemplação deverá diverti-los enquanto observadores externos. Podemos aqui recordar a apreciação de Thoreau sobre o refinamento cultural da paisagem civilizada, depois de o seu entusiasmo prematuro pela vida selvagem ter ficado algo esmorecido pelo contacto directo com a verdadeira vida selvagem (NASH, 1967, p. 92).

Tal como no actual turismo de massas, também os viajantes do século XIX esperavam ser expostos a novas experiências, enquanto se divertiam. Além do mais, os viajantes ocasionais nunca viam as coisas do ponto de vista do nativo. As suas descrições caracterizam-se por uma distância auto-afirmativa, na qual o sistema de valores ocidental prevalece e se define por olhar o ‘outro’ como um espelho estranho e, muitas vezes, invertido. No entanto, e evocando uma vez mais a preferência de Thoreau pelo ‘selvagem civilizado’, tanto Anna como os turistas de massas contemporâneos – apesar de todos eles procurarem autenticidade – na verdade buscam um certo grau de aventura negociada, dentro de um ambiente seguro e controlado, do qual podem optar por sair para usufruir de experiências previsíveis e estereotipadas.

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^o João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^o do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 63 – Sessão de comunicações livres (área literatura/cultura).

A senhora viajante, civilizada mas estóica, só ocasionalmente se queixa da sujidade, da comida estranha, dos percevejos, da falta de privacidade, das baratas e dos cheiros. Por outro lado, é interessante comparar os diferentes padrões críticos e comportamentais dos visitantes ocidentais ‘civilizados’ com aqueles que são aplicados aos asiáticos. Numa estalagem nas Filipinas, Anna lamenta a falta de privacidade que a impede de se despir à noite mas, no parágrafo imediatamente a seguir, ela afirma: “We could not resist taking a peep into the adjoining apartment. The scene was truly an absurd one, and reminded me of a hospital, though wanting in the cleanliness and comfort of those excellent institutions” (68). Perto de Nagasaki, Anna informa orgulhosamente o leitor que o seu grupo desobedeceu às leis locais e visitou um lugar “situado para lá dos limites permitidos aos excursionistas europeus” (218). No navio para Kamakura, os D’Almeida e outros passageiros ocidentais divertem-se atirando garrafas à água “in order to see the boatmen plunging and diving for them in their almost nude state” (244). Neste caso, e uma vez que o divertimento e o convívio estão em primeiro lugar. Anna não faz comentários horrorizados sobre a pele “repugnante” dos nativos. A nudez, aqui, é parte da descrição animalizante dos barqueiros, que ela compara a animais domesticados que actuam para regozijo dos seus donos, em vez de uma mancha numa paisagem de outro modo perfeita. A socialização a bordo é limitada às actividades entre europeus, cujos nomes a autora omite. Os navios são espaços de transição, criados pela cultura do turismo e habitados por grupos rigorosamente estanques de viajantes. O sentimento de distanciamento e superioridade sócio-cultural de Anna parece reforçado a bordo, quando isolada entre outros ocidentais: a morte de um passageiro de segunda classe chinês, a caminho de Xangai, por exemplo, apenas a faz sorrir ao observar os rituais fúnebres e as “superstições” chinesas em relação à morte (283). Esta atitude é

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^o João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^o do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 63 – Sessão de comunicações livres (área literatura/cultura).

bastante diferente daquela que demonstra quando atravessa regiões desconhecidas, aí totalmente dependente da orientação e hospitalidade dos nativos.

Desde o início, a viagem de lazer tem sido indissociavelmente ligada ao modo como é conferida uma forma objectiva ao elemento visual, através da pintura e do já referido desenvolvimento do conceito de ‘paisagem’. O crescimento do ‘turismo cénico’ evoluiu ainda mais com a invenção da fotografia em 1839. Os primeiros daguerreótipos do Japão foram tirados em 1854 por um membro da tripulação do Comodoro Perry. Quando o grupo de Anna D’Almeida visita um local religioso com imponentes figuras em bronze, num templo perto de Kamakura, e um cavalheiro americano fotografa a cena, Anna descreve com humor a forma irreverente como ela e o seu marido posaram: “My husband and myself mounted upon the wall which forms its pedestal, and from thence scrambled up the folds of the dress, and seated ourselves on the thumbs of the two hands” (245).

Questões de Género no Contacto Intercultural.

Este último episódio humorístico serve também para ilustrar outra característica desta narrativa de viagem: Anna e o seu marido são sempre verdadeiros companheiros, partilhando em igualdade perigos, aventuras e desconforto, com a mesma coragem e resistência. Anna orgulha-se de demonstrar que nunca é um fardo ou recebe qualquer tratamento excepcional pelo facto de ser uma “senhora”. Raramente refere qualquer tipo de cuidados especiais para com a sua filha, nem se identifica a si própria como mãe. Anna define-se como uma mulher ocidental emancipada, alegadamente abençoada com um destino em todos os aspectos muito melhor do que o das suas homólogas asiáticas.

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^o João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^o do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 63 – Sessão de comunicações livres (área literatura/cultura).

Anna parece também considerar os homens asiáticos ('orientais') como sendo intrinsecamente malévolos. Ao longo da sua narrativa, sentimos uma espécie de irmandade feminina global, em que Anna assume uma atitude maternal algo condescendente em relação às 'outras' mulheres, que ela vê como vítimas de uma sociedade 'incivilizada', que não lhes permite o papel de iguais, de companheiras dos seus homens, de que as mulheres europeias como ela usufruem. Enquanto intérprete de uma cultura diferente para uma audiência britânica de classe média e alta, Anna sente-se privilegiada, bem informada e plena de recursos – por conseguinte, superior –, uma posição que a distancia das mulheres asiáticas, que ela descreve estereotipadamente como pobres, confinadas e oprimidas. Isto revela como o projecto imperial moldava também a ideologia de género: quanto mais distante uma mulher está do paradigma europeu (i.e. protestante britânico), mais digna de pena ela é. Stuart Hall, ao definir os estereótipos sobre o 'outro', fala sobre a preocupação em marcar a 'diferença' (HALL, 1997, pp. 223-79). Assim, quando uma mulher pertencente a outra cultura não se enquadra na norma etnocêntrica que é aplicada à mulher europeia, ela deve ser construída como 'outra'. Esta 'outra' mulher – quer seja filha, esposa ou mãe – é sempre vítima da crueldade masculina, nunca é objecto de crítica ou de escândalo por parte da sua irmã ocidental.

A narrativa de Anna tende a avaliar o nível de 'civilização' de uma sociedade pelo estatuto conferido às mulheres, algo que, na China, parece ser de facto miserável. Com efeito, os ocidentais interpretavam o enfaixar dos pés como um indicador de opressão e a poligamia era considerada a principal causa do baixo estatuto da mulher na sociedade. Ao descrever um casamento em Macau, Anna usa expressões como "trembling in every limb", "mortified damsel", "open to every kind of criticism", "poor deformed feet", e

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^o João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^o do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 63 – Sessão de comunicações livres (área literatura/cultura).

“probationary duty” (150). Para completar esta imagem tenebrosa, Anna exprime abertamente a crença comum de que o infanticídio de bebés do sexo feminino seria generalizado no país e, sem dúvida, realizado pelo pai (173-4).

No Japão, embora a poligamia fosse prática corrente entre os ricos samurais, os viajantes ocidentais tinham muito pouco contacto com esta classe e Anna supunha até que era proibida. Como as suas descrições são geralmente baseadas em observações feitas nos portos abertos aos estrangeiros e nas áreas restritas em redor, as famílias de comerciantes, as raparigas das casas de chá e os camponeses de ambos os sexos trabalhando lado a lado nos campos tornam-se no objecto da interpretação de Anna e em fontes de uma imagem relativamente mais positiva do estatuto da mulher na sociedade. Contudo, em Nagasaki, depois de o casal ter visitado um samurai japonês, Anna descreve a aparência da sua esposa: rosto pesadamente maquiado, sobrancelhas rapadas e dentes enegrecidos. Apesar destes traços serem característicos das mulheres casadas das classes mais altas, para Anna representam um “costume tirânico” (206). Depois da visita, é-lhe dito que o oficial “had fallen in love with his wife at a ‘tea house’, and purchased her from the proprietor of the establishment” (207). Anna terá certamente lido anteriores descrições de ocidentais sobre o sistema de prostituição no Japão, segundo as quais os pais tinham o poder de vender as suas filhas a “casas de chá”, ou seja, a bordéis. Anna acreditava que este costume se restringia às classes mais baixas e que seria apenas por uma questão de pura necessidade económica que os pais enviariam uma filha para um bordel (205). Muitos outros escritores manifestaram horror pela venda de raparigas para a prostituição, alegando que esta prática era um indicador de que, apesar dos progressos da sociedade japonesa, esta estava ainda num nível inferior de desenvolvimento, quando comparada com a civilização ocidental. Alguns escritores,

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^o João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 63 – Sessão de comunicações livres (área literatura/cultura).

contudo, afirmam que estas mulheres acabavam, por vezes, por casar, e bastante bem, depois de uma carreira como prostituta, conforme foi confirmado pelo casal que os D'Almeida visitaram. É importante salientar que Anna nunca adopta um tom moralista ou escandalizado quando escreve sobre estas mulheres. Lamenta-as, tal como lamenta a sorte de idênticas mulheres no seu próprio país que, segundo ela, não escolheram este modo de vida como uma maneira fácil de escapar à pobreza, mas seriam antes – reflectindo uma linha muito típica do pensamento feminino ocidental de que as prostitutas eram ‘mulheres caídas’ que haviam sido arrastadas para a imoralidade pelos homens – vítimas da sua própria inocência e ignorância. De facto, no final do século XIX, o trabalho filantrópico em prol das ‘mulheres caídas’ arrependidas, dos órfãos e de outras pessoas carenciadas era considerado um dever das senhoras das classes média e alta, e uma linha de acção adequada fora da esfera doméstica.

Religião e Pensamento Imperial.

A aparente, embora intermitente, abertura de espírito e compreensão de Anna durante tantas e tão complexas interacções interculturais tem limitações peculiares. Os seus principais limites de tolerância enquanto viajante privilegiada não são estabelecidos por questões de raça ou de género, mas sim por questões religiosas. Apesar da declaração inicial sobre a neutralidade apolítica, simplicidade e até mesmo futilidade da sua narrativa, em Manila, Anna inicia uma longa denúncia dos males do catolicismo, que irá perdurar ao longo de todo o livro, especialmente nos primeiros capítulos, à medida que ela percorre o território filipino. Tal atitude é representativa de uma outra faceta do colonialismo britânico, muito ignorada pela crítica pós-colonial que, convenientemente, prefere não dar atenção à grave opressão que acontecia dentro

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^o João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^o do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 63 – Sessão de comunicações livres (área literatura/cultura).

das próprias Ilhas Britânicas durante o século XIX, em que a vizinha Irlanda católica era cruelmente subjugada pelos protestantes britânicos, sob a capa da diferença religiosa.

A dicotomia ‘nós’ *versus* ‘eles’ mais evidente em *A Lady's Visit* é, portanto, construída com base em pormenores da fé cristã. O preconceito colonial de Anna e o seu discurso impiedoso são predominantemente dirigidos contra a influência dos seus vizinhos europeus brancos e católicos, o verdadeiro ‘outro’ deste diário de viagem, muito mais do que contra outras raças, práticas exóticas ou religiões distantes. Os momentos de horror da narrativa são todos provocados por práticas católicas: uma visita ao cemitério, práticas face à morte, superstições locais, venda de indulgências, rituais fúnebres. Anna justifica o facto de assistir a uma missa católica em Manila, afirmando que “we went to look at the spectacle” (93); o enterro católico de uma criança é simplesmente “very curious” (94). Descreve com severidade um suposto milagre em Manila como um “cruel subterfúgio”, um “esquema” para induzir os “habitantes crédulos” a doar dinheiro (17). Parece atribuir a ignorância, os preconceitos, as superstições e a falta de progresso (ou seja de ‘civilização’) exclusivamente à influência católica, enquanto que o protestantismo favoreceria “industrial or intellectual pursuit” (16). A descrição solidária dos nativos como vítimas da conversão é semelhante à descrição das mulheres orientais oprimidas como vítimas da crueldade masculina. De acordo com Anna, a conversão de “um povo supersticioso” ao catolicismo é meramente exterior e induzida pelas “numerous images and extravagantly gaudy processions [...] by which the Roman Catholics so powerfully impress the imagination of the ignorant” (17). No entanto, Anna argumenta de forma magnânima que os bons protestantes não devem confrontar abertamente as práticas católicas nem ofendê-las com actos de provocação (126-7).

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^o João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^o do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 63 – Sessão de comunicações livres (área literatura/cultura).

Quando escreve os seus longos e depreciativos comentários sobre questões religiosas, Anna, a turista, parece encarnar o modelo da viajante pioneira ocidental na Ásia: uma missionária protestante, uma representante da fé e do império, corajosa e independente, tolerante com potenciais convertidos e bastante crítica com os embaixadores do rival catolicismo. Podemos assumir que as mulheres ocidentais identificam-se com as mulheres que conhecem ao longo das suas viagens e que retratam na sua escrita. Mas, afinal, talvez estejam mais presas às diferenças culturais do que ligadas a uma ideologia comum de condição feminina. As mulheres ocidentais que viajavam pelo mundo pelas mais variadas razões eram, em primeiro lugar, agentes culturais que faziam eco do conceito da superioridade ocidental. São, sobretudo, “cultural missionaries, maternal imperialists, feminist allies”, tal como Barbara Ramusack define a mulher inglesa na Índia do início do século XX (RAMUSACK, 1992). Enquanto turista, em estadias que não permitem contactos estreitos com a população local, as percepções de Anna confirmam que os escritores como ela estão, acima de tudo, a definir-se a si próprios. Por outras palavras, a imagem diz-nos mais sobre o seu criador do que sobre o objecto de imagem.

Como vimos, há uma ligação directa entre a escrita de viagens e a história do imperialismo e da colonização, daí o interesse, neste momento pós-colonial, em analisar as implicações de textos produzidos pelos viajantes durante os primórdios do turismo europeu. Enquanto imperialistas culturais e defensores da superioridade do ocidente, os viajantes ocidentais temporários (tanto homens como mulheres) viam as diferentes práticas e crenças como meras curiosidades divertidas. O pensamento e a escrita de Anna também estão estruturados de acordo com a dicotomia entre ‘superior’ e ‘inferior’, e muitas vezes combinam ética com estética, ao construir imagens colectivas

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^o João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^o do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 63 – Sessão de comunicações livres (área literatura/cultura).

animalizantes sobre o ‘outro’ enquanto ‘raça’. Por exemplo, quando descreve as trabalhadoras de uma manufactura de charutos em Manila, o discurso de Anna funciona como se ela estivesse a observar um animal mais ou menos belo, um simples colectivo de género e raça, desprovido de qualquer individualidade. Segundo ela, as mulheres chinesas em Xangai gozam de alguma “superioridade” por causa da sua “pele mais clara”, quando comparadas com as mulheres chinesas em Macau e Hong Kong, que eram “sujas”, “rudes” e “vulgares”. Contudo, Anna poderia, talvez, ter escrito da mesma forma em Inglaterra, onde a sua crítica seria baseada não tanto em critérios raciais, mas antes em critérios de classe.

Comparar o Japão à China era muito típico nas descrições ocidentais do século XIX. Na década de 1860, a maioria dos ocidentais chegava ao Japão através de portos chineses. Uma vez no Japão, uma das paragens mais populares era, tipicamente, uma cidade portuária. Paradoxalmente, os visitantes ocidentais escreviam sobre as zonas mais cosmopolitas e em rápida modernização do Japão, nomeadamente os portos comerciais de Nagasaki ou Yokohama e, ocasionalmente, sobre Tóquio, a renomeada capital do imperador Meiji. A abertura do Japão facilitou o seu papel de substituto da China e a sua percepção favorável por parte do Ocidente. Um país encantador, exótico, e relativamente desenvolvido, o Japão parecia disposto a imitar o Ocidente. Por seu turno, Anna elogia o “desejo japonês de desenvolvimento” e “readiness to adopt really useful innovations” (200), transmitindo assim a noção imperialista britânica de que abraçar a indústria seria o mesmo que abraçar a civilização. O Japão era considerado diferente da Ásia ‘selvagem’ em geral, o que levou à criação das habituais categorias e hierarquias baseadas em estereótipos raciais.

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^o João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 63 – Sessão de comunicações livres (área literatura/cultura).

É fácil concluir que, para Anna, a verdadeira diferença reside no grau de deferência (ou de submissão) destes povos asiáticos para com o agente civilizador europeu: “The people we have left behind [os chineses] are surly, impertinent, independent, self-sufficient, in their manner towards foreigners; whilst those among whom we now are [japoneses], poor and rich alike, have an innate politeness which is exceedingly pleasing, and address strangers in a respectful manner” (186-7). Aqui, devemos salientar mais uma vez o jogo de palavras ‘a diferença é a deferência’, independentemente da forma que tal deferência reverente possa assumir: “The Japanese are really very strict in punishing those who behave ill to Europeans” (211). Quando Anna sabe que um japonês foi sentenciado à morte por ter maltratado o cavalo de um europeu, a sua tão proclamada compaixão humana desvanece-se, à medida que revela os seus sentimentos de superioridade racial e imperial: “Although such merciless severity cannot be commended, we hope it may prove a salutary lesson to his fellow-countrymen” (213). O seu comentário “In the Chinese wars [as infâmes Guerras do Ópio] our Sikhs [note-se o possessivo] took [Cantão] by storm, and slaughtered, without mercy, all found within the walls” (288) traduz a sua crença de que será aceitável massacrar os rebeldes chineses, pois é inútil resistir ao avanço do império e da ‘civilização’ a qualquer custo.

Conclusão.

A *Lady's Visit to Manilla and Japan* de Anna D’Almeida oferece uma descrição atenta, pictórica e sensorial de uma experiência de viagem pelo Extremo Oriente, que estava a tornar-se moda entre a alta sociedade britânica das primeiras décadas do turismo global do século XIX. Embora conscientes de que a literatura de viagens não é etnografia, a análise crítica da escrita de mulheres viajantes como Anna dá-nos uma

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^o João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^o do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 63 – Sessão de comunicações livres (área literatura/cultura).

visão única dos eventos sociais, culturais e do quotidiano, de um modo que não está presente nas limitações pedagógicas e paternalistas dos comentários oficiais e das histórias formais. Esta viagem é levada a cabo e narrada sob um preconceito claramente eurocêntrico, protestante e aristocrata. Viajar é uma busca tanto pelo prazer visual como pela experiência e conhecimento e, na maior parte das vezes, o nativo é apenas um elemento dispensável da paisagem, que não deve existir senão para deleite do visitante europeu.

A narrativa de Anna constitui também uma representação das impressões parciais obtidas a partir da sua vivência e memória selectiva do ‘oriental’, com particular ênfase na condição de espectadora. Os critérios que presidem tacitamente a esta representação de diferentes países, culturas e sociedades lançam luz sobre a posição da autora na sua própria cultura e sociedade. No caso da narrativa de Anna, contudo, os critérios (e estereótipos) de classe, raça, etnia e religião são muito mais relevantes do que as questões de género, em contradição com as expectativas criadas pelo título, dedicatória e prefácio de *A Lady's Visit*. Em relação às questões de género, Anna argumenta que, em países ‘civilizados’, homens e mulheres devem ser considerados como companheiros. As ‘outras’ mulheres que conhece no decurso da sua viagem pela Ásia são meras vítimas dos elementos masculinos de uma sociedade ‘incivilizada’, que devem ser lamentadas dentro de um espírito de filantropia universal. Para Anna, as mulheres asiáticas são como espelhos invertidos do seu próprio estatuto de independência e modernidade, prova de que o projecto imperial condicionou também a ideologia de género. As mulheres e os nativos são, respectivamente, vítimas de hábitos culturais e de métodos de civilização e conversão errados, situação que requer a ajuda e a compreensão do agente imperial civilizado, progressivo e protestante. Para se obter o

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^o João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^a do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 63 – Sessão de comunicações livres (área literatura/cultura).

estatuto de ‘civilizado’, os países colonizados devem adoptar sem reservas os benefícios da indústria, renunciar aos ídolos do paganismo e do catolicismo, igualmente ‘incivilizados’, e mostrar deferência incondicional para com os turistas, que funcionam também como embaixadores temporários do imperialismo político e cultural. Em suma, *A Lady's Visit To Manilla and Japan* é uma vívida narrativa na primeira pessoa de uma viagem através da casa colonial global que era o Império Britânico, durante a segunda metade do século XIX.

Referências Bibliográficas:

ALMEIDA, Anna D'. *A Lady's Visit to Manilla and Japan*. London: Hurst and Blacket, 1863.

APPLETON, Jay. *The Experience of Landscape*. Chichester: John Wiley, 1996.

CHAMBERS, Erve (ed.). *Tourism and Culture: An Applied Perspective*. New York: State University of New York, 1997.

HALL, Stuart (ed.). *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*. London: Sage, 1997.

KOWNER, Rotem. “Lighter than Yellow, but not Enough’: Western Discourse on the Japanese ‘Race’, 1854-1904”, *The Historical Journal*, vol. 43, n^o 1 (March 2000): 103-31.

MACCANNELL, Dean. *The Tourist: A New Theory of the Leisure Class*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1999.

Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas

(Eds.) M^o João Marçalo & M^a Célia Lima-Hernandes, Elisa Esteves, M^o do Céu Fonseca, Olga Gonçalves, Ana Luísa Vilela, Ana Alexandra Silva © Copyright 2010 by Universidade de Évora ISBN: 978-972-99292-4-3

SLT 63 – Sessão de comunicações livres (área literatura/cultura).

MILLS, Sara. *Discourses of Difference: An Analysis of Women's Travel Writing and Colonialism*. London: Routledge, 1991.

NASH, Roderick. *Wilderness and the American Mind*. New Haven: Yale University Press, 1967.

RAMUSACK, Barbara. "Cultural Missionaries, Maternal Imperialists, Feminists Allies. British Women Activists in India, 1865–1945". In: *Western Women and Imperialism. Complicity and Resistance*. Edited by Nupur Chaudhuri and Margaret Strobel. Bloomington: Indiana University Press, 1992.

ROJEK, Chris; URRY, John (eds.). *Touring Cultures: Transformations of Travel and Theory*. London and New York: Routledge, 2002.

STERRY, Lorraine. "Constructs of Meiji Japan: the role of writing by Victorian women travellers", *Japanese Studies*, 23:2 (2003): 167-83.